

Escrever para fugir da morte: a trajetória literária de Evandro Affonso Ferreira e as sensibilidades do tempo presente

Writing to escape death: the literary trajectory of Evandro Affonso Ferreira and the sensibilities of the present time

Juliano Lima Schualtz,¹ UEPG

Resumo

Este artigo pretende problematizar o escritor brasileiro contemporâneo Evandro Affonso Ferreira (1945-). Em dois momentos, primeiramente a sua trajetória inicial, chamada a *vida palavra* e o papel da escrita. Posteriormente, a sua segunda fase de produção literária, nomeada de *morte homem* compoendo a sua *trilogia do desespero*. Constituída pelos livros; *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2010), *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam* (2012) e *Os piores dias de minha vida foram todos* (2014). Analisarei nos três romances as sensibilidades do tempo presente, especificamente o luto, a morte e a precariedade. Para tanto, farei uma investigação de corte interdisciplinar.

Palavras-chave: Evandro Affonso Ferreira; Literatura Brasileira Contemporânea; História; Sensibilidades; Tempo Presente.

Abstract

This article intends to problematize the contemporary Brazilian writer Evandro Affonso Ferreira (1945-). In two moments, firstly his initial trajectory, called the word life and the role of writing. Later on, his second phase of literary production, named man-death, composed his trilogy of despair. Consisting of the books; *My mother killed herself without saying goodbye* (2010), *The beggar who knew by heart the adages of Erasmus of Rotterdam* (2012) and *The worst days of my life were all* (2014). I will analyze in all three novels the sensibilities of the present time, specifically mourning, death, and precariousness. To this end, I will conduct an interdisciplinary investigation.

Keywords: Evandro Affonso Ferreira; Contemporary Brazilian Literature; History; Sensibilities; Present Time.

Introdução

Abarcar as possibilidades de aproximação entre História e Literatura inscreve um debate longo que remonta a Aristóteles e a sua Poética. Para o filósofo, a História narraria *aquilo que aconteceu* (a intriga verídica) e a Literatura *aquilo que poderia acontecer* (a intriga fictícia). Com a *linguistic turn* no século XX, movimento que priorizou a linguagem para a compreensão da realidade. O pós-estruturalismo no cenário Francês colocou outros agenciamentos para compreender a História e a Literatura na perspectiva da diferença. Na década de 1990, a História Cultural e Social se apropriaram do campo literário para historicizar as representações na produção do imaginário social. Porém, quando se fala em

¹ Graduando do curso de licenciatura na História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

ficção contemporânea brasileira, parece haver uma lacuna nos estudos por parte dos/a historiadores/a e no próprio imaginário historiográfico contemporâneo.

Portanto, no decorrer do artigo buscarei analisar a literatura brasileira contemporânea, esse território contestado (DELCASTAGNÈ, 2013), e suas possíveis relações com a História. A conceitualização da literatura brasileira contemporânea enquanto um território contestado coloca uma problemática no campo dos estudos literários: como pensar a emergência de uma literatura que subleva as formas e descentraliza os conteúdos? A emersão de novos atores sociais no discurso literário, os quais não estão apenas na cena do texto, mas produzem o texto no interior de contextos variados, trazendo a lume novos temas e problemas.

E como pensar esse território contestado na esteira da História? Sendo assim, farei um diálogo tomando como eixo a produção literária do escritor Evandro Affonso Ferreira (1945 -). Inicialmente, vou problematizar a trajetória do autor, em sua primeira fase, chamada de *a vida da palavra*², procurando investigar o seu processo de escrita, tecendo através de entrevistas com o escritor em jornais, matérias e artigos sobre sua produção literária. Priorizando um conjunto de fontes com a finalidade de reconstruir brevemente a experiência do autor em seu início de carreira, a sua relação com a escrita e a rede intelectual que teve início em seus sebos. Ressalto que nesse primeiro momento não será realizada uma leitura exegética da sua produção literária primeva.

Posteriormente, será abordada a sua segunda fase autointitulada de *morte do homem* desenvolvida na *trilogia do desespero*, composta pelos seguintes livros; *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2010), ganhador do prêmio APCA, *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam* (2012), vencedor do Jabuti na categoria melhor romance, e *Os piores dias de minha vida foram todos* (2014), visando investigar as sensibilidades do tempo presente. Nesse momento, problematizarei a trilogia para vasculhar as sensibilidades contemporâneas como o luto, a morte e a precariedade. Para isso, vou percorrer os elementos que a trilogia possui em comum, em linhas gerais, temáticas negativas da condição humana.³

² Com fins didáticos, uma diferenciação possível entre as fases (*vida da palavra* e *morte do homem*) pode ser pensada no agenciamento forma-conteúdo. Na primeira fase vê-se uma sobreposição da forma em detrimento do conteúdo, na segunda fase se tem o fenômeno inverso. Aprofundarei melhor na primeira parte do artigo.

³ Para o teórico da literatura Jaime Ginzburg, um dos elementos formativos da narrativa faccional brasileira contemporânea está justamente na partilha de temas negativos, como o trauma, a morte, o luto, o desterro, o assombro, etc, a literatura faz com que “[...] a negatividade se manifeste, e que as ausências, as ruínas, os mortos e as dores possam nos observar e falar [...]”, (GINZBURG, 2012, p. 219), denunciando as injustiças da dita memória oficial e fazendo falar suas ausências e injustiças, no passado e no tempo presente. Consistindo tanto em uma possibilidade crítica do passado quanto do presente que está constantemente soterrado pelos acontecimentos do passado recente.

Ainda, sobre a produção acadêmica em relação à obra do Evandro Affonso Ferreira, é de suma importância pontuar dois; uma dissertação, intitulada *Evandro Affonso Ferreira: vidas desengaçadas e o arquivo debilitado* (2008), de Júlia Studart, que se ocupou da primeira fase do escritor. O segundo, uma tese, intitulada *Como se livrar do trauma da existência: o vazio, a morte e o limbo na trilogia de Evandro Affonso Ferreira* (2017), de Alita Tortello Caiuby, que se ocupou da segunda fase do escritor. Ambos os trabalhos abordam a produção do escritor na perspectiva dos estudos literários. Por fim, enfatizo o pioneirismo em abordá-la a partir do “olhar do historiador”.

O escritor infartado e a possibilidade da vida com a palavra

De jeito nenhum. Escrevo para não me matar. Relaciono-me com a literatura da mesma forma que me relaciono com Deus: não acredito, mas vez em quando rezo.

Evandro Affonso Ferreira, em entrevista à Revista Amálgama.

Foi depois dos 50 anos, após um infarto e com o coração remendado com pontes de safena, que o escritor Evandro Affonso Ferreira (1945 -),⁴ mineiro de Araxá e radicado em São Paulo, iniciou seu enfrentamento da existência lastreando em canetas e moleskines uma literatura sintomática do contemporâneo. O autor relata em uma entrevista para o *SescTv*;⁵ “[...] E em um belo dia, eu sofri um infarto e fui pra UTI, e pensei: se eu sair dessa eu vou escrever. E sai, e comecei a escrever [...]”. Podemos concordar com o filósofo Gilles Deleuze ao escrever “A literatura é uma saúde” (DELEUZE, 2011, p. 9).

Comumente, sua produção literária divide-se em duas fases: a *vida da palavra* e a *morte do homem*. Essa divisão foi realizada pelo próprio escritor⁶ durante sua trajetória visando diferenciar suas preocupações no ofício literário. A primeira fase supõe uma maior preponderância da forma sobre o conteúdo. Na segunda fase, há um maior desenvolvimento da história e uma preocupação com o social, o teor narrativo ganha mais corpo, embora não tenha uma supressão radical da forma, o conteúdo sobrepõe-se.

⁴ Antes de adentrar no mundo literário, o escritor trabalhava no ofício de redator publicitário, inclusive, ajudando em semanários famosos como *O Pasquim*.

⁵ Evandro Affonso Ferreira no programa *Super Libris*, em 16/04/2016.

⁶ A linha divisória na produção literária é do próprio escritor.

Relativa à primeira fase, encontramos os livros; *Grogotó!*⁷ — saiu pela Editora Topbooks (2000), sendo reeditado em 2007 pela Editora 34. *Arãa* — saiu pela Editora Hedra (2002) foi finalista do Prêmio Portugal Telecom (2004). *Erefuê* — lançado pela Editora 34 (2004). *Zaratepô* — publicado pela Editora 34 (2005). Por fim, *Catrâmbias* — também lançado pela Editora 34 (2006). Fase marcada com a sonoridade narrativa e a composição de um léxico singular, tendo criado “Um dicionário com três mil palavras sonoras”.⁸ Conforme Studart,

Este dicionário cresce a cada livro e já está com mais de duas mil palavras sonoras que são, quase sempre, palavras esquecidas, retiradas de um uso popular, da fala mais ordinária e que ganham sentido quase sempre desviante. (STUDART, 2008, p. 12).

Em entrevista para o jornal Suplemento Pernambuco, em 4 de setembro, de 2017, a dimensão sonora da sua escrita é lembrada,

A causa determinante, a raiz disso tudo, foi o autodidatismo, digamos assim. Não sabendo pontuar direito, comecei a lançar mão do ponto e vírgula a todo instante. Não contente, cataloguei uma infinidade de palavras sonoras, caídas em desuso, as tais estrabulegas e catrâmbias e zoropitós. Não contente, querendo ser o Paulinho da Viola da literatura, musiquei de vez o meu texto com rimas internas, aliteraões. Acho que foi isso. Não sei explicar direito. O trabalho é árduo, exaustivo, as coisas literárias são dificultosas, lentas. (FERREIRA, 2017).

Vê-se, após tantos anos, o escritor recordando das palavras titulares em suas obras mencionadas acima; *Grogotó!*, quer dizer “Acabou-se, adeus!” *Arãa*, em tupi, significa “saudade”. *Erefuê*, palavra da Umbanda, significa “fluido negativo”. *Zaratepô* é uma exclamação “ao Deus sol”. *Catrâmbias* assemelha-se com “hora bolas”. Interessante notar na entrevista a dimensão dada ao autodidatismo enquanto ponto indiciário da sua vontade de catalogar e colecionar palavras mumificadas para revivê-las⁹ ritmicamente e matematicamente no texto. O filósofo Giorgio Agamben ao definir a figura do escritor de modo geral, nos diz: “Escrever significa: contemplar a língua, e quem não vê e não ama sua língua, quem não sabe soletrar sua tênue elegia nem perceber seu hino flébil, não é escritor”. (AGAMBEN, 2018, p. 34).

⁷ Vale ressaltar que o autor lançou um livro chamado “Bombos recheados de cicuta”, em 1996, por uma pequena editora, antes de emplacar com “Grogotó!”, porém, foi o filho renegado do escritor. Trechos do livro podem ser lidos no site: <http://revistaponto.com.br/colunas/bombons/bombons-recheados-de-cicuta-no03/>

⁸ Evandro Affonso Ferreira em entrevista ao Programa Leituras da TV Senado, 26/06/2015.

⁹ O próprio escritor recorda que foi batizado de “Vivificador de palavras” por Millôr Fernandes.

Evandro Affonso Ferreira, nessa primeira fase, preocupou-se com a feitura de uma forma literária singular. Conforme citado acima, para Agamben, o escritor contempla sua língua e, também, o escritor é um traidor da sua língua, ele inventa uma escrita. Podemos notar esse fenômeno em uma fala do escritor ao se autodefinir em sua primeira fase como “Um Finnegans tupiniquim”,¹⁰ a referência ao livro experimentalista *Finnegans Wake*, de James Joyce, demonstra seu investimento em uma empreitada lexical própria na confecção da sua obra.

Empreitada lexical¹¹ que encontra outro fator correspondente no seu processo de dissecação das palavras envelhecidas da língua portuguesa, do tupi-guarani e de algumas línguas africanas para compor seu “romance léxico” (STUDART, 2008, p. 12). Essa arqueologia estilística das palavras foi construída durante sua experiência como leitor fervoroso e dono de sebos.¹² Antes de adentrar o ofício de escritor, chefiou dois sebos; *Sagarana*¹³ e *Avalovara*,¹⁴ ao que tudo indica nas entrevistas, a criação dos sebos ocorreu durante um período precário em sua vida, como tinha muitos livros e ganhou outros. Primeiramente, resolveu vendê-los, não obteve sucesso, a investida final foi criar o próprio sebo a partir da sua biblioteca com três mil livros. Ambos os sebos tiveram uma vida curta de três anos, o escritor costuma brincar que “faliram por excesso de qualidade”.¹⁵ Sobre o sebo *Sagarana*, o escritor comenta,

Nessa época havia criado o *Sagarana* — sebo que ficava no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Livraria minúscula, mas o acervo era de muita qualidade literária. Sempre soube que uma pedra grande não cai mais depressa que uma pedra pequena. Um belo dia entrou nele o querido Marcelino Freire. Conversa vai, conversa vem, decidimos montar um grupo de escritores. Bate-papo todo sábado das 4 às 6 da tarde. Local? Livraria da Editora Hedra — Vila Madalena. Sei que a coisa foi crescendo de tal maneira que um escritor convidado ia convidando outro para o sábado seguinte. Conclusão: em menos de um ano o grupo era formado por mais de vinte escritores. Todos hoje muito conhecidos da mídia, (FERREIRA, 2020).

Marcelino Freire, Ruy Castro, Marçal Aquino, Marcelo Mirisola, Luiz Roberto Guedes, Luiz Ruffato, José Paulo Paes e Roberto Schwarz, foram figuras que visitavam o sebo e trocavam uma linha de prosa com o livreiro. Não demorou para ser iniciada com

¹⁰ Depoimento de Evandro Affonso Ferreira na “Casa das Rosas — Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura”, gravada em 2013 e disponibilizada no *Youtube* em 25/11/2015.

¹¹ Saliento que essa empreitada léxica não aparece apenas em seus livros, mas nas próprias entrevistas escritas com o escritor durante essa primeira fase.

¹² Na época os sebos ficavam localizados em Pinheiros (SP).

¹³ Referência ao livro homônimo de Guimarães Rosa.

¹⁴ Referência ao livro homônimo do escritor Osmar Lins.

¹⁵ Entrevista ao *Jornal da Gazeta*, 06/10/2017.

Evandro Affonso Ferreira e Marcelino Freire o que ficaria conhecido na história da literatura brasileira contemporânea sob o nome “*Geração 90*”.¹⁶ na expressão de Nelson Oliveira. Em suas palavras,

Outra convergência importante em minha vida literária: o encontro com Marcelino Freire & Evandro Affonso Ferreira, num cruzamento qualquer do ano 2000. Os dois organizavam reuniões literárias no Fran’s Café da rua Fradique Coutinho, 1.139, e convidaram Marcelo Mirisola pra conversar com a galera. Eu não conhecia pessoalmente o Marcelo, mas conhecia seu livro de estreia, de contos, e escrevera o texto das orelhas de sua segunda coletânea, *O herói devolvido*. (OLIVEIRA, 2020).

Para além, é notável a importância dessa experiência, em uma coluna sobre o escritor, na Folha de São Paulo, em 2000, com o título “*Minicontos arrancam escritor do fundo do sebo*”, sua trajetória como livreiro é pontuada,

Evandro foi redator publicitário por 20 anos. Às tantas, largou os anúncios para montar o sebo com os 3.000 livros que tinha em casa. No Sagarana ele é o dono, o vendedor, o faxineiro.

"Vivo o livro. Se não estou vendendo livro, estou comprando livro. Quando não, estou lendo ou escrevendo livro", conta. Hoje é um grande dia para Evandro. A partir das 19h, ele estará, pela primeira vez, autografando livro.

Aos 55 anos, ele lança hoje "Grogotó!" (editora Topbooks), pequeno volume com 73 contos realmente pequenos, alguns com menos de 30 palavras. "Tenho ejaculação precoce literária. Quando escrevo mais de duas laudas, me sinto como se tivesse feito "Guerra e Paz", diz, em referência ao volumoso romance de Tolstói. (MACHADO, 2000).

Ainda, em 2000, no mesmo jornal, em uma coluna do escritor Moacyr Scliar, nomeada “*O Fascínio da Síntese*”, sobre o processo criativo do conto, o nome do Evandro aparece,

Na mesma linha está "Grogotó!", obra de estreia de Evandro Affonso Ferreira. Nascido em Araxá (1945), Evandro é livreiro em São Paulo e é, vê-se desde logo, daqueles livreiros que lêem todos os livros de sua livraria.

Seus contos, muito curtos -raros são aqueles que ultrapassam meia página- primam pelo refinamento, pela precisão da linguagem. É possível definir duas influências, ou pelo menos duas afinidades em seu trabalho: com Dalton Trevisan e com Guimarães Rosa. (SCLIAR, 2000).

Grogotó!, como acentuado, quer dizer; “Acabou-se: adeus”, foi a canetada inicial. Livro de minicontos, apadrinhado pelo poeta e crítico literário José Paulo Paes,¹⁷ foi a entrada

¹⁶A *Geração 90* é conhecida por alguns fatores, entre eles: a transgressão da forma e a partilha de temas comuns, narrativas de sujeitos excluídos, experiências desoladoras e uma crítica ao sistema político. Lembremos que durante a década de 1990 está ocorrendo a neoliberalização do país.

do escritor no rol literário. Para além da experiência de livreiro, sua compulsão em relação ao verbo está relacionada com sua linhagem literária, o escritor ressalta que se inspira em escritores que *escrevem bonito*, como Guimarães Rosa, Hilda Hilst, Bruno Schulz, Cornélio Pena, Kafka, e tantos outros.

A experiência da morte, o gosto pela literatura, o desejo de escrever, o ofício de livreiro e a rede de literários o qual fez parte, são elementos que atuaram conjuntamente no engajamento do escritor com o processo de escrita. *A vida da palavra* parece ambígua, por um lado, está relacionada com a própria promessa do autor em escrever se saísse vivo após o infarto, a palavra como complemento vital. Por outro lado, a forma criada em seus livros da primeira fase carrega a vivacidade das palavras.

A morte do homem e as sensibilidades do tempo presente

Nos três livros formativos da segunda fase literária do escritor; *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2010), *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam* (2012) e *Os piores dias de minha vida foram todos* (2014), seguem-se narrativas em primeira pessoa, personagens sem nomes, fluxos de consciência e uma eterna fricção entre passado-presente. Personagens vivendo em colapso (CAIUBY, 2017) compartilhando experiências negativas como o luto, a morte, a precariedade e os limites da vida.

Seja o narrador decrépito, do primeiro livro, sentado em uma *mesa-mirante* de um *Shopping* — ou *templo moderno*¹⁷ — na luta para finalmente terminar um livro “com começo, meio e fim” (FERREIRA, 2010, p. 114). No impasse que conversa telepaticamente com os demais personagens, enquanto as memórias do suicídio da sua mãe e do pai violento colonizam o seu presente, inscrevendo um luto infinito — seu *apocalipse personalizado* — em um passado que não passa e metaforizado na frase: *Domingo. Chove.*

Seja o narrador-mendigo, do segundo livro, em sua espera de dez anos pela amada que foi embora. Vivendo nas ruas da *metrópole apressura*, escrevendo incontáveis “N’s” em todos os cantos da cidade, salvaguardando as lembranças quebradiças da amada, através do seu “ópio grafítico” (FERREIRA, 2014, p. 28). Enquanto cita trechos dos adágios do filósofo Erasmo de Rotterdam, fantasia a chegada da amada para devolver seu *cheiro de alecrim*, resgatando-o da sujeira e do limite da condição humana. Segue-se uma nau dos insensatos individualizada. Os demais mendigos — o *menino borboleta* e a *mulher molusco* — estão

¹⁷ José Paulo Paes escreveu o prefácio de “Grogotó!”. Porém, o prefácio só foi inserido quando o livro passou a ser publicado pela Editora 34.

¹⁸ As palavras em itálico referem-se aos termos extraídos da trilogia para a elaboração narrativa do artigo. O termo “*templo moderno*”, é como o literato descreve o *shopping*.

abaixo do mendigo erudito. Na *metrópole apressurada*, não há tempo para as pessoas à margem.

Por fim, a narradora *moribunda*, do terceiro livro, em seu quarto lânguido de UTI, esperando a morte e totalmente inapta em seu leito, há só uma maneira de tentar viver, por meio da sua imaginação. Imagina-se desfilando nua entre as ruas da *metrópole apressurada*. Observa as vaidades dos transeuntes enquanto suas vaidades estão diluídas. Recorda continuamente dos entes próximos que morreram, especialmente do *amigo escritor*. Desse modo, a imaginação torna-se o modo sublime para adiar a certeza da morte.

Para Caiuby (2017), as personagens da *trilogia* compõem um modo envelhecido de enfrentar os traumas contemporâneos. São personagens abolidos dos circuitos de reconhecimento (BUTLER, 2015). Sendo assim, a morte, o luto e a precariedade compõem sensibilidades contemporâneas. Essas sensibilidades seguem um núcleo comum, a morte sendo cada vez mais individualizada, acaba promovendo uma economia assimétrica da comoção.

No primeiro romance, o personagem-narrador espera a morte em meio a várias pessoas, nesse caso, a morte é muito mais literária, desdobrando-se em uma reflexão sobre o morrer, a função da morte no espaço literário e o direito à morte na literatura (BLANCHOT, 2011; PETRONIO, 2011). O morrer é constantemente adiado pela incerteza do término do seu livro, sendo em simultâneo um testamento caótico-niilista e tábua de salvação, a personagem assume uma densidade testemunhal ao percorrer as memórias da sua vida.

Durante as conversas telepáticas, a dimensão do outro é esgotada, os devaneios do suicídio da mãe operam um vai e vem, mas no interior do *templo moderno* quem está preocupado com a morte? O domingo eterno e a chuva infinita não são representações democráticas, e sim um modo de subjetivação específico da personagem. A figura do *shopping* apresenta uma instituição da alegria, da mercadoria, da segurança e da coletividade. Ou seja, um lugar atípico para o *apocalipse personalizado* vindo sob medida para a personagem. Aliás “Que cada qual cuide das próprias ruínas. Não é por obra do acaso que até os dilúvios são hoje individualizados” (FERREIRA, 2010, p. 70).

No segundo romance, em uma narrativa contínua que se confunde com o próprio fluxo memorialístico-traumático do mendigo, a morte opera uma representação mais política, tomando o espaço público. São as vidas precárias (BUTLER, 2015) perambulando na *metrópole apressurada*, maltrapilhos sem “a condição de ser reconhecido”, (BUTLER, 2015, p. 19), fazendo parte do “grupo dos suicidas graduais vivendo à margem das estatísticas” (FERREIRA, 2012, p. 98), vidas descartáveis na via urbana, pois “A-hã metrópole-

apressurada não tem tempo para acudir aos desvalidos”, (FERREIRA, 2012, p. 42). Os *suicidas graduais* ao ar livre estão inscritos em uma lógica neoliberal e biopolítica¹⁹ de exclusão de certos corpos dos direitos básicos, constituem o “monturo de desvalidos étlicos” (FERREIRA, 2012, p. 115).

Corpos que “Vão se afastando aos poucos do gênero humano. Metade qualquer coisa; outro tanto quase nada. Seres fantasmáticos” (FERREIRA, 2012, p. 35). Embora o mendigo erudito tenazmente espere sua amada por meio do *ópio gráfico*, das lembranças idílicas, figurando um passado congelado contra um presente excludente, ele não está apartado da condição geral dos demais mendigos que são vítimas de políticas higienistas (outra forma da biopolítica): “Às vezes quando vejo caminhão-pipa aproximando-se para nos expulsar outra vez — com sua ducha de água de pressão máxima —, imagino farândola toda sendo vítima fulminante de providencial inseticídio” (FERREIRA, 2010, p. 52).

No último romance, a morte é o início, o meio e o fim, o que há são as cruezas das práticas biopolíticas²⁰ prolongando a vida da enferma para além do corpo quando o mesmo não emite mais nenhum estímulo. Durante as peregrinações imaginárias da personagem virtualizando uma Antígona contemporânea como seu duplo (JUSTINO; AGRA, 2018), nas travessias cartográficas da *metrópole-apressurada*, as memórias dos amigos, familiares e amores, todos mortos, assina o seu contrato com o vazio desesperador da própria morte.

A morte da personagem-narradora em um quarto de UTI é apenas sua, um quarto esterilizado também contra qualquer afeto, o que existe é o olhar clínico do médico e o simples corpo atomizado em seu sentido biológico. O que resta é “[...] ser cremada ao som de Billie Holiday [...]”, (FERREIRA, 2014, p. 127). A análise do historiador Philippe Ariès sobre a morte no Ocidente demonstra-se útil nesse caso, especificamente o lugar da morte durante o século XX, sendo a temporalidade em que a morte torna-se mais institucionalizada, retirada do espaço público e isolada. A personagem-narradora do romance *Os Piores dias de minha vida foram todos*, morre isolada e solitária em um quarto qualquer de UTI, sem identidade e vínculos.

As representações da morte no transcórre dos três romances possuem singularidade. Seja mais no plano da criação literária — o decrépito, da mendicância por livre-arbítrio do

¹⁹ Uso o conceito de biopolítica na esteira de Michel Foucault, para o qual a biopolítica insere um domínio e controle sobre a própria vida dos indivíduos, através das instituições e dispositivos sociais. A biopolítica não serve apenas para preservar e administrar vidas, mas demonstra quais vidas são validadas socialmente “Biopolítica: eu entendi por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...” (FOUCAULT, 2008, p. 431).

²⁰ Termo utilizado pela filósofa Márcia Tiburi.

mendigo que acaba fazendo parte dos demais *suicidas graduais*, ou a experiência mais totalizante da morte no caso da enferma. Porém, são corpos resignados, seja pelo verbo, *ópio gráfico* ou imaginário, são modos de resistência particulares. Ademais, a representação da morte assume uma emergência político-social em uma temporalidade precária (TURIN, 2018), a morte de certos corpos enquanto sensibilidade contemporânea tornou-se um evento comum que se perde no cotidiano da *metrópole-apressurada*.

Passando para o luto na *trilogia* em dois momentos, o primeiro de cunho subjetivo, o segundo desponta uma dimensão social. Para a psicanálise, o luto é uma modalidade da perda, sendo necessário a sua reelaboração para não passar para um estado mais agressivo, ou seja, o estado melancólico.²¹ A melancolia produziria a inércia radicalizada do sujeito na ruptura intragável da falta. Por outro lado, o luto apresenta uma relação com o tempo, tempo esse que se torna congelado e intransponível.

Para Judith Butler, o luto não é apenas imobilidade ou inércia, mas produção, participando da feitura do Eu, colocando-o como objeto em um cálculo contínuo de perdas “não existe Eu sem melancolia” (BUTLER, 2017, p. 179). O sujeito se forma em uma assimilação incessante de ausências em presenças. Sendo assim, a melancolia seria um afeto ambivalente e fundamental para a possibilidade da consciência. Ademais “Na melancolia, o que se perde para a consciência não é só a perda de um outro ou de um ideal, mas também o mundo social em que essa perda se tornou possível” (BUTLER, 2017, p. 189).

No cenário contemporâneo em uma temporalidade precária, o luto é uma sensibilidade política. Ainda com Judith Butler, é preciso pensá-lo em relação ao que é uma vida e quando ela é passível de luto. Segundo a pensadora, todas as vidas são precárias, estão abertas para a contingência do mundo. Mas, a *condição precária* sinaliza a situação política e social de acesso aos direitos básicos, por isso, para existir uma vida é preciso existirem condições de vida que possibilitem uma vida vivível.

A exclusão de certos corpos dos circuitos de reconhecimento produz corpos abjetos. Sejam eles velhos, mendigos ou doentes terminais, corpos que ficam fora dos dispositivos biopolíticos ou são suas vítimas. A exclusão ocorre no interior das próprias lógicas políticas e sociais, demonstrando os limites do seu funcionamento. Consequentemente, essas vidas pouco possuem comoção pública ou são lembradas, em suma, não são enlutáveis.

²¹ A análise sobre o luto vai seguir a filósofa Judith Butler. Em seu livro *Quadros de Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto?* (2009), a pensadora investiga: o que é uma vida, as condições e meios que produzem e reproduzem vidas precárias, vidas fora dos circuitos de reconhecimento e ausentes da comoção social. Em outro livro *A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição* (2017), a filósofa problematiza o luto como afeto formador da consciência do sujeito, operando em um investimento psíquico e social.

Ambos os momentos do luto fazem parte da trilogia, para as personagens “minha vida se resume em catalogar perdas” (FERREIRA, 2014, p. 66), a figuração do outro que se suicidou, partiu ou morreu acaba formando a própria identidade-fraturada das personagens. Como assinalado na citação acima, para Butler, a melancolia produz um eclipse em relação ao mundo social, e esse eclipse está inscrito em uma temporalidade: O horizonte de expectativa das narrativas é “do Nada absoluto” (FERREIRA, 2010, p. 66), não há possibilidades para um futuro, o passado é o espaço da morte. Temos o *presentismo* desses personagens, que não é hegemônico, seus modos de habitar um tempo ferido (TURIN, 2019)²² apresentam-se lutosos e melancólicos.

Experiências do tempo desajustadas, na contramão da temporalidade acelerada da sociedade contemporânea, vivendo em um estado permanente de melancolia. Melancolia definida pelo narrador decrépito no sentido do teólogo Robert Burton, sendo um jogo dialético que sustentaria o ser humano;

[...] o autor mostra que a melancolia não é apenas uma ameaça a partir da qual pode se instaurar a vida e o sentido ou um fim condutor que costura a sua apreensão do humano – mas o próprio fator designador do humano como ser de tensão e oposição [...], (FERREIRA, 2010, p. 49).

A melancolia opera o tensionamento da consciência, desabafa o mendigo; “Vivo a uma década entorpecido pelo indeterminado, pela conjectura – condimentos da suposição” (FERREIRA, 2012, p. 70), o decênio de peregrinação na *metrópole apressurada* fora sustentado em nome da ausência da amada. Porém, são as tensões e oposições da espera lírica e chegada iminente, os principais fatores de resistência do mendigo em um cotidiano violento. No quarto de UTI, lamenta a enferma “[...] Digo-repito: antes de entrar nesse lugar sombria cujo desalento antecede o luto já olhava todos de esconso [...]” (FERREIRA, 2014, p. 15). O desalento marca o desajuste da personagem, antes mesmo da sua estadia mortuária na UTI. Notadamente, esse tensionamento, acontece em um estranhamento com a sociedade atual.

Em um segundo momento, o luto está relacionado ao esfacelamento da alteridade em uma sociedade cada vez mais individualista. O decrépito solta um desabafo “Careço do tato; do afago; do olhar; da voz do outro. (FERREIRA, 2010, p. 35), sua condição ilhada no *shopping* chega no limite, nos fala o mendigo “Sem amor na alma a vida resseca” (FERREIRA, 2012, p. 39), a enferma que investir em “[...] futuros estudos no campo da

²² Sendo assim, “Um dos elementos que parece tensionar hoje esse espaço entre o ficcional e o histórico é a dimensão da temporalidade.” (TURIN, p. 57, 2017). A dimensão temporal das incursões do texto literário na feitura do contexto é de suma importância para as pesquisas historiográficas que visam problematizar a literatura contemporânea de modo geral, e a brasileira em particular.

fracassologia [...]” (FERREIRA, 2014, p. 104), essa alteridade “fracassada”, não está apenas nos *eclipses personalizados* ou *abismos sob medida*, mas no próprio campo social.

Três personagens partilhando o grau zero do reconhecimento, abolidos dos circuitos de reconhecimento, formando uma desigualdade na comoção: quais corpos, conseqüentemente, vidas, importam? Essa pergunta está em correlação com a condição de precariedade das personagens. A palavra “importância” torna-se fundamental quando existem corpos descartáveis, a irrelevância somática atua nas metamorfoses do luto atualmente. Enlutar corpos que “aparecem” por meio da exclusão radical, inclui uma condição política de compreender a produção da situação precária. No último caso, quais são as possibilidades de vida da enferma, para além dos aparelhos médicos? Marcia Tiburi ao comentar o romance, fala da Antígona enquanto *metáfora viva*, quem pode enterrar seus entes ou possuir um enterro digno?

Essas experiências do tempo desajustadas atuam entre o luto e a memória, montadas no relato de si como modo de resistência. O tensionamento passado-presente e ausência de um futuro, traça um desajuste temporal nos romances: “Sei que relampeja muito troveja muito nesta manhã única; manhã que se estatuou manhã de minutos imóveis – os segundos não dão sinal de vida sequer piscando; tempo-estaca fincado no chão de concreto”. (FERREIRA, 2010, p. 12), a simetria do tempo melancólico torna-se aterrador: “Esta sucessão de dias idênticos enlouquece-me ainda mais. Sim: é desesperador; acontece nada”. (FERREIRA, 2012, p. 37), a temporalidade em retalhos das narrativas, é também um tempo de restolho: “Subjugada pela proliferação celular anárquica, incessante, que lança mão da sua competência para tornar cada vez mais movediço o tempo que me resta”. (FERREIRA, 2014. p. 12).

Evandro Affonso Ferreira ao escrever sobre esses três personagens; o decrepito, o mendigo e a enferma, narrando experiências limites e instáveis, insere na cena do texto o excluído, conforme a filósofa Márcia Tiburi²³ escreveu; “a prosa de Evandro Affonso Ferreira, é a prosa do excluído”. Três personagens vivendo em um tempo precário, partilhando experiências limites da condição humana. Nessa altura fica em evidência a chamada *morte do homem*, noção que não fica presa ao significante masculino, mas denota a morte do ser humano em vários sentidos, desde a invisibilidade social até o quarto de hospital. Contudo, a dimensão da resistência contra a morte, a violência e o esquecimento existe mesmo em narrativas supostamente pessimistas.

²³ Márcia Tiburi em texto para a Revista Culti (2014) “ Pelo direito à literatura — sobre Os Piores Dias De Minha Vida Foram Todos e Evandro Affonso Ferreira”.

Considerações finais

O empreendimento heurístico de verve interdisciplinar do artigo, buscou investigar os dois momentos da produção literária do autor Evandro Affonso Ferreira. Sendo assim, o artigo visou inserir algumas linhas que possam inspirar outras pesquisas historiográficas, construindo alguns agenciamentos, delineando recursos para outras análises sobre a literatura brasileira contemporânea e suas possíveis relações com temáticas da História, visto que ainda é um campo incipiente e em construção.

Essas narrativas produzidas no tempo presente carregam temas emergenciais para a própria crítica do Brasil contemporâneo. E fazem com que as margens falem e denunciem as injustiças e assim levantando novas experiências do tempo, tema candente na historiografia em um contexto de “crise do tempo”, em que o futuro causa medo, o passado perdeu relevância e o presente se tornou tirano, conseqüentemente, produzindo novas sensibilidades. Questões subjacentes na literatura brasileira contemporânea, traduzindo a relevância de ser lida e pesquisada pelo público da história.

Referências Bibliográficas

- ARIÈS, Phillipe. **História da Morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2021.
- AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato**. São Paulo, Boitempo, 2018.
- AGAMBEN, Giorgio. “**O que é o Contemporâneo?**” In: **O que é o Contemporâneo? e outros ensaios**; Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica. 2017.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro, Rocco, 2011.
- CAIUBY, Alita Tortello. **Como se livrar do trauma da existência: o vazio, a morte e o limbo na trilogia de Evandro Affonso Ferreira**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2017: <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/4-doutorado/teses/2017/Tese-CaiubyAT-min.pdf>
- DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. **Iberic@l: Revue d'études ibériques et ibéro-américaines**, v. 2, p. 11-15, 2012.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Obras completas, ESB, v. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FERREIRA, Evandro Affonso. **Minha mãe se matou sem dizer a deus**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2010.

FERREIRA, Evandro Affonso. **O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2012.

FERREIRA, Evandro Affonso. **Os piores dias da minha vida foram todos**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2014.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Bipolítica**. São Paulo. Martins Fontes, 2008.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

PETRONIO, R. **Evandro Affonso Ferreira e a literatura com direito à morte**. Revista Desenredos. Teresina, Ano III, n.11, p. 01-04, out/dez. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, n.14, p, 31-45, set. 2003.

SILVA, Mauricio. Morte e Melancolia: Evandro Affonso Ferreira e a subjetivação das experiências cotidianas. **Itinerários**, Araraquara, n. especial, p. 71-88, 2017.

STUDART, Júlia. **Evandro Affonso Ferreira: vidas desengraçadas e o arquivo debilitado**, Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC, 2008.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas**. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane, 2 (2012), pp. 199-221. issn: 2240-5437.

TURIN, Rodrigo. **Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal**. Zazie Edições, 2019.

TURIN, Rodrigo. A polifonia do tempo: ficção, trauma e aceleração no Brasil contemporâneo. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 55-70, jul.-dez. 2017.

Sites e entrevistas

BIAJONI, Luiz. A mãe de Evandro Affonso não se matou sem dizer adeus. **Revista Amalgama**, 2011. Disponível em: <https://www.revistaamalgama.com.br/01/2011/a-mae-de-evandro-affonso-nao-se-matou-sem-dizer-adeus/>. Acessado em 28/11/2021

TIBURI, Marcia. Pelo direito à literatura — sobre Os Piores Dias De Minha Vida Foram Todos e Evandro Affonso Ferreira. Revista Cult, 2014. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pelo-direito-literatura-sobre-os-piores-dias-de-minha-vida-foram-todos-de-evandro-affonso-ferreira/>. Acessado em 28/11/2021

MACHADO, Cassiano Elek. Minicontos arrancam escritor do fundo do sebo. **Jornal Folha de S.Paulo**, 2000. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2610200006.htm>. Acessado em 28/11/2021.

FERREIRA, Evandro Affonso. Entrevista ao jornal **Suplemento Pernambuco**, 2017. Entrevistador: André Nigri. Disponível em: <https://suplementopernambuco.com.br/entrevistas/1946-entrevista-evandro-affonso-ferreira.html>. Acessado em 28/11/2021.

OLIVEIRA, Nelson. Memória | Geração 90: delírio ou realidade? **Biblioteca Pública do Paraná**, 2018. Disponível em <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/Geracao-90-delirio-ou-realidade>. Acessado em 28/11/2021

Entrevistas disponíveis no Youtube

Super Libris: <https://www.youtube.com/watch?v=I5saR511gog&t=960s>

TV Senado: <https://www.youtube.com/watch?v=KOLNUhHb4rY&t=1024s>

Casa das Rosas: <https://www.youtube.com/watch?v=n3ErIJoCkQE&t=230s>

Jornal da Gazeta: https://www.youtube.com/watch?v=A-E3ej_-Zxo